

**MULHERES NO PAPEL: APRESENTAÇÃO INICIAL DE
UM PROJETO DE PESQUISA**

Luzia Gabriela Manso Vieira (UNIGRANRIO)

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)

drfortuna@hotmail.com

RESUMO

Esta comunicação busca apresentar os primeiros resultados da pesquisa “As mulheres no papel: os diários de Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso e a imprensa”. Trata-se de um projeto de Iniciação Científica, que tem por objetivo realizar uma pesquisa exploratória sobre as escritoras Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso e ainda sobre o papel da mulher nas décadas de 1950 e 1960 na imprensa brasileira. Pretende ainda traçar um breve panorama das escritas de si, principalmente memórias e diários; analisar trechos dos diários de Ruth Bueno e Maria Lucia Cardoso; realizar pesquisa no banco de teses e dissertações da Capes e no *Google Acadêmico* dos materiais acadêmicos escritos sobre essas autoras.

Palavras-chave:

Imprensa. Mulher. Escritas de si.

1. Introdução

Este texto apresenta os resultados iniciais da pesquisa “As mulheres no papel: os diários de Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso e a imprensa”, relacionada aos projetos realizados pela orientadora sobre diários nos últimos três anos. No primeiro, agraciado com bolsa de Jovem Cientista do Nosso Estado, da Faperj, analisamos os diários de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Harry Laus. No segundo, desenvolvido com bolsa de produtividade da Funadesp / Unigranrio, o foco foram os diários de Walmir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus.

Agora, o objetivo é nos dedicarmos à análise dos diários de duas escritoras: Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso. Pouco conhecidas do grande público – e até da academia –, estas escritoras trouxeram uma importante contribuição à literatura brasileira. Além disso, os diários dessas escritoras trazem um pouco do contexto de sua época. Nesse sentido, cabe nos referirmos a Lejeune (2014), para o qual o diário é uma tentativa de apreensão de um tempo em movimento, que ficará registrado para sempre. Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso escrevem suas memórias por volta dos anos 1950 / 1960. Lilian de Lacerda (2003, p. 40) aponta para o fato de que “é no contexto dos anos 1960 que a escrita autobiográfica ganha evidência, ou seja, é nesse período que o mercado editorial em

vários países do mundo passa a publicar registros pessoais de grupos minoritários (ao menos do ponto de vista de prestígio social), como negros, mulheres, homossexuais, prisioneiros, camponeses e outros”.

Além de analisarmos os diários, buscaremos ainda tentar perceber como a condição da mulher é tratada na imprensa naquela época.

Em primeiro lugar, explicitaremos os objetivos e metodologia da pesquisa. Em seguida, faremos um breve histórico sobre a relação das mulheres com a imprensa no Brasil, além de algumas considerações sobre estas na imprensa. Por fim, apresentaremos os resultados parciais do projeto.

2. *Objetivos e metodologia*

O objetivo geral da pesquisa é analisar como a condição da mulher aparece nos diários de Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso e também como ela é retratada pela imprensa brasileira, notadamente do Rio de Janeiro.

Em relação aos objetivos específicos, pretendemos traçar um breve panorama da mulher na imprensa; Analisar aspectos da escrita diarística; Analisar trechos dos diários de Ruth Bueno e Maria Lucia Cardoso; Pesquisar no acervo dos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* – disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional – como a mulher era retratada pela imprensa carioca e como as escritoras Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso apareciam nesses jornais; pesquisar no banco de teses e dissertações da Capes e no *Google Acadêmico* os materiais acadêmicos escritos sobre essas escritoras; Compartilhar os resultados da pesquisa no site *escritasdesi.literaturaecomunicacao.com*.

No que diz respeito à metodologia, esta é teórica, analítica e comparativa. Inicialmente, foi realizada leitura de textos teóricos sobre escrita autobiográfica e gênero. Em seguida, trechos dos diários de Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso também foram lidos. O passo seguinte foi a investigação no acervo dos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* – disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Serão inseridas as seguintes palavras-chaves: “condição da mulher”; “Ruth Bueno” e “Maria Helena Cardoso”.

Por fim, ainda será realizada uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Capes e no *Google Acadêmico* sobre os materiais acadê-

micos escritos sobre essas escritoras. Os resultados da pesquisa serão divulgados no site *escritasdesi.literaturaecomunicacao.com*.

3. A mulher na imprensa brasileira

A imprensa feminina surgiu no Brasil apenas no século XIX. Até então, não havia sequer imprensa, que passou a existir com a chegada da família real portuguesa. A chegada de D. João VI e sua corte iniciou um processo de transformação na sociedade brasileira. Essa vinda da corte portuguesa trouxe a europeização da moda e dos costumes que alteraram os gostos de certas categorias de mulheres brasileiras. Com a maior participação feminina na vida social das cidades, a moda passou a ter importância.

Nessa época, a única maneira de conhecer as últimas “tendências” de Paris, por exemplo, era através de figurinos importados, depois substituídos pela publicação aqui de jornais e revistas que reproduziam os modelos em gravuras. Em consequência, nascia um mercado de leitoras.

A imprensa destinada ao público feminino dividia sua atenção entre a moda e a literatura e, com o passar de tempo, novos assuntos foram sendo inseridos, como cuidados com a casa, culinária, beleza e saúde. Os enfoques das matérias acompanharam as mudanças do meio, mas os temas são os mesmos até hoje.

O ano de 1838 marcou no Brasil o começo do folhetim. O folhetim fez sua estreia no *Jornal do Comércio* com a publicação do romance *O capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, traduzido do francês. A literatura servia como um complemento à moda e vice-versa, principalmente em publicações que ofereciam essas duas atrações sob forma de coleção. Um exemplo de revista feita para colecionar foi A Estação.

A imprensa dedicada às mulheres do século XIX teve grande importância na formação de uma literatura feminina no Brasil. A mulher brasileira leitora de folhetins, teve importante papel na formação do romance brasileiro. À medida que elas divulgaram o novo gênero.

A verdade é que a imprensa feminina foi responsável por difundir a moda, assim como por disseminar os romances. Por outro lado, ajudou a difundir um novo tipo de comportamento em que a mulher era incentivada a elevar o nível de suas aspirações, aprendendo a importância da educação e do autodesenvolvimento.

Para Buitoni (2009, p.47) a imprensa brasileira do século XIX, foi marcada por uma divisão que criou duas direções bem definidas em relação ao discurso. Uma, tradicional, que exalta a vida doméstica e se mostra contra a liberdade de ação fora do lar; outra chamada por ela de progressista, que ao contrário se apoia na importância da educação como a única possibilidade de a mulher conquistar seus direitos.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, as reivindicações esfriaram, fazendo com que o movimento também esfriasse e os periódicos feministas não conseguissem se manter, mas esse fato não diminui a importância dessa imprensa feminina naquele momento da sociedade Brasileira.

No início do século XX, a fotografia se tornou a “queridinha” da imprensa brasileira e nessa época o segmento feminino escolhia a revista como seu principal veículo. Com o progresso da indústria gráfica, as revistas começaram a aprimorar o aspecto visual. Vieram as gravuras, as ilustrações e finalmente a fotografia. A imprensa feminina viu no formato a melhor representação de si mesma. E a imprensa feminina nasceu e cresceu através da difusão da moda e do aperfeiçoamento da fotografia.

No entanto as revistas de moda foram cada vez mais se ligando ao consumo, pois sempre mostravam o que estava “em alta” e faziam com as mulheres desejassem o que estava sendo mostrado ali, porém o que é apresentado nas revistas é uma realidade criada para parecer algo real e criar o desejo do consumo.

No início dos anos 40, inspiradas pelo jornalismo americano, que estava se expandindo, as revistas femininas brasileiras traziam reportagens sobre moda e beleza eram ilustradas com fotos de artistas estrangeiras de cinema, que logo se tornavam um modelo a se seguir.

Influenciada pelo cinema norte-americano, surge a fotonovela no Brasil. As revistas de fotonovela e as que exploraram o amor romântico tinham a característica de fornecer inúmeras receitas de conquista, pois apesar da temática das histórias incluir a mulher que trabalha, assim como uma série de vivências urbanas, essas acabavam se tornando meros detalhes girando em torno do grande tema unificador: o amor.

Segundo Pinsky (2014), as revistas femininas procuravam apresentar o estereótipo das moças de família. Naquela época, as mulheres deveriam se casar virgem, não trabalhar e dedicar-se somente à família. As moças que, de alguma forma, fugiam desse padrão, eram consideradas levianas.

No início dos anos 60, a mulher brasileira já havia sido introduzida na sociedade de consumo e começava a questionar seu papel na sociedade como um todo. Mergulhada em padrões de beleza, status e consumo que os meios de comunicação difundiram pelo mundo todo. Foi-se criando e moldando cada vez mais um ideal de beleza jovem a ser seguido e cultuado. As revistas femininas traziam cada vez mais anúncios, provando a capacidade compradora de suas leitoras.

Nos anos 80, as mulheres começaram a ver os resultados das reivindicações feministas iniciadas dez anos antes. O mercado de trabalho estava se abrindo mais e mais para a mão de obra feminina; as mulheres avançavam cada vez mais nos bancos universitários e a economia doméstica dominava os assuntos femininos.

De certa maneira, a imprensa feminina sempre recebeu críticas por ser despolitizada ou antipolítica, na medida em que, para alguns autores, ela “evita a polêmica e foge de um posicionamento direto”. Era acusada de incentivar o individualismo e de transferir a solução dos problemas da esfera pública para a privada.

No entanto, assuntos polêmicos, como gravidez adolescente, aborto, drogas e prevenção à DSTs não deixaram de ser tratados nessa época pela imprensa feminina. Mas a verdade é que eles foram discutidos principalmente em um segmento mais voltado ao público jovem e adolescente.

Na década de 90, a Aids ganhava destaque nas publicações destinadas às mulheres e meninas, não sem motivo – a opressão imposta à mulher que no final do século XX, ainda não se sentia confiante para falar de sexo com o parceiro, acabou por transformá-las em grupo de risco.

A imprensa feminina entrou o século XXI sem muitas mudanças. A transformação sofrida pela imagem da mulher nas revistas femininas não chega a atingir as camadas mais profundas e elas agora são independentes financeiramente, mas continuam dependentes do olhar masculino.

4. Resultados parciais da pesquisa

A pesquisa ainda está em andamento. Foram feitas leituras preliminares dos diários de Ruth Bueno e Maria Lúcia Cardoso. O livro *Diário das máscaras*, de Ruth Bueno, por enquanto, foi analisado mais detidamente. Paralelamente, foi realizada pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A expressão “Condição da mulher” e os nomes de Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso foram pesquisados nos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* nas décadas de 1950 e 1960.

Ao inserir a expressão “condição da mulher” no jornal *Correio da Manhã*, aparecem notícias sobre casamento, propagandas de produtos de beleza para mulheres. A figura feminina está relacionada à moda, mas principalmente, subordinada ao marido ou outra figura masculina.

Quando inserimos o nome de Ruth Bueno, não aparece nada específico, o que mostra que a escritora, naquela época, assim como atualmente, era pouco conhecida. Em relação ao nome Maria Helena Cardoso, uma homônima, que foi jogadora de basquete, é constantemente citada.

Cabe ressaltar, entretanto, que o primeiro livro de Maria Helena Cardoso, *Por Onde Andou Meu Coração*, publicado em 1967, ganhou o Prêmio Fernando Chinaglia, oferecido pela União Brasileira de Escritores, e o 10.º Prêmio Jabuti, este na categoria autor estreante.

A pesquisa no *Jornal do Brasil* ainda está em andamento.

No que concerne às leituras da obra de Ruth Bueno, estas mostraram que o diário se constituía num espaço no qual as escritoras expunham seus pensamentos. No caso de Ruth Bueno, a escritora percebia que algumas pessoas a tratavam com reserva pelo fato de ser solteira aos 41 anos, morar sozinha e se sustentar por meio de seu trabalho – Ruth era advogada.

Como a pesquisa nos materiais de imprensa mostrou, as mulheres eram reprimidas e ensinadas a se comportarem de uma determinada maneira: preocupando-se apenas em agradar o marido e cuidar dos filhos; ou, sendo solteiras, a obedecer ao pai e a se preparar para ser um bom partido e, assim, fisgar um esposo. Segundo Pinsky (2014), as mulheres eram vistas como passivas, submissas, frágeis, com menor capacidade de raciocínio e maior emotividade. Eram inferiorizadas e vistas como “sexo frágil”.

Ruth Bueno, entretanto, fugia a esse padrão. Em seu diário, não só revelava seu dia a dia, como falava sobre sua vida sexual, algo totalmente impensável naquele momento, no qual, se a mulher aceitava os estereótipos, estava cumprindo o que esperavam dela, mas se fosse contrariar as expectativas da família e da sociedade, seria considerada leviana e/ou rebelde e subversiva.

Nesse sentido, o diário torna-se um espaço que dá à mulher direito à fala, permitindo que ela exponha sua voz, seus pensamentos e posicionamentos em relação ao mundo. Escrever permitia também um autoconhecimento: ao se colocar nas páginas do papel, refletiam sobre suas vidas e podiam se conhecer melhor.

No que diz respeito ao diário de Ruth Bueno, é possível perceber quatro temas principais: saudade, solidão, ousadia e amor. A escritora sempre se refere ao passado de maneira nostálgica. E essa saudade está sempre associada à solidão: ao recordar-se do que passou, sente-se sozinha: “Solidão não é apenas estar só. Muitos estão sós. Poucos em solidão. Solidão tem ares de lembrança e é vizinha da saudade. Gosta do sossego, mas não quer dizer paz. É, de certa forma, o reencontro do eu consigo mesmo” (BUENO, 1966, p. 21).

Constantemente, Ruth parece querer se reencontrar através de suas lembranças. Quer juntar-se à menina que se divertia na fazenda, à jovem que foi sozinha para a Europa e se apaixonou por Paris, à mulher que ama, mas não é correspondida da mesma maneira.

E quando se refere a amores, Ruth Bueno é ousada: aborda a sexualidade abertamente. Um exemplo é quando descreve um orgasmo:

Caminhem tuas mãos sem descanso. Caminhem sobre meu corpo. Rijas, prendem-me os seios, que engrandecem. Teus lábios tocam-nos; tu te fazes manso, para tomá-los de uma vez, um por um, dentro da tua boca. (...) Lábios em meus ombros, pernas nas minhas pernas, corpo no meu corpo, mãos em longo abraço e roçando naqueles outros lábios, escondidos em teus pelos, teu sexo, tão forte e tão belo de amor. Sinto subir o mesmo arrepijo pelas costas, quero sofrer, quero, enfim, não sei mais o que quero e perco a noção do teu abraço, perdendo-me, de enlevo, num grito manso e rouco que tu, só tu, podes e me sabes dar. (BUENO, 1966, p. 116-7)

Como é possível perceber, trata-se de um texto bastante audacioso para aquela época, no qual a escritora revela toda a sua ousadia.

5. Considerações finais

É importante observar que análise dos diários de Ruth Bueno e Maria Helena Cardoso pode contribuir também para que se reflita sobre o papel da mulher na sociedade brasileira, principalmente, nas décadas de 1950 e 1960, foco da pesquisa.

Permitirá também que se compare a condição feminina daquela época a situação da mulher nos dias de hoje. Recentemente, em abril de 2016, reportagem da revista *Veja* publicou matéria sobre a então primeira dama do país, Marcela Temer. O texto era intitulado “Marcela Temer: Bela, recatada e ‘do lar’” e reacendeu o debate sobre a questão das mulheres que decidem ser donas de casa, dedicando-se exclusivamente aos filhos e ao casamento.

No futuro, uma análise mais detida dos materiais coletados – tanto na imprensa (daquela época e de hoje) como nos diários – poderá revelar se algum aspectos das moças de famílias e das levianas permanece nas mulheres de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Ruth. *Diário das máscaras*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

_____. *Cartas para um monge*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

_____. *Em psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. *Mulher de Papel: A representação da Mulher pela Imprensa Feminina Brasileira*. 2. ed. Summus, 2009.

CARDOSO, Maria Helena. *Vida vida*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

_____. *Por onde andou meu coração*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: Bela, recatada e “do lar”. Revista *Veja*, 16 abr. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 11 ago 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.